

# LITERATURA, HOMOSSEXUALIDADES E IMPRENSA NO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA*

## *LITERATURE, HOMOSEXUALITIES AND THE PRESS IN THE NEWSPAPER LAMPIÃO DA ESQUINA*

Carlos André de Alcântara da Silva (UNEMAT)<sup>1</sup>  
Samuel Lima da Silva (UNEMAT)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho visa explorar as relações e conexões que se estabelecem entre a imprensa periódica e a literatura, tendo como objeto o jornal “Lampião da Esquina”. Para tal, foi realizado um recorte da primeira edição do referido periódico, explorando a seção literatura, especificamente com o texto de Antônio Roig sobre relacionamentos homossexuais e a repressão policial. A fim de amparar esta análise, foram utilizados conceitos de Afonso-Rocha (2020), Ferreira e Miskolci (2020), Gomes (2005), Green (2022), Mariusso (2015) e Trevisan (2018), dentre outros autores que contribuíram para a discussão.

**Palavras-chave:** Literatura. Imprensa. “Lampião da Esquina”. Homossexualidades.

**Abstract:** This work aims to explore the relationships and connections that are established between the periodical press and literature,

---

1 Mestrando em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT), Tangará da Serra - MT, Brasil. Bolsista CAPES. Contato: carlos.andre@unemat.br.

2 Doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), com estágios de Pós-Doutorado na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e na Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra - MT, Brasil. Contato: samuel.lima@unemat.br.

having as its object the newspaper “Lampião da Esquina”. A cut-off was made from the first edition of the newspaper, exploring the literature section with Antônio Roig’s text on homosexual relationships and police repression. To support this analysis, concepts from Afonso-Rocha (2020), Ferreira and Miskolci (2020), Gomes (2005), Green (2022), Mariusso (2015), Silva (2019), among other authors who contributed to the discussion, were used.

**Keywords:** Literature. Press. “Lampião da Esquina”. Homosexualities.

## Introdução

De início, é preciso informar que, para a realização do presente trabalho, foram devidamente acessadas as edições do jornal “Lampião da Esquina”. Esse acesso às edições publicadas se deu por meio do acervo do Centro de Documentação Professor Doutor Luiz Mott (Cedoc LGBTI+), que disponibiliza, de forma digitalizada, todas as edições deste jornal, além de uma ampla variedade de outros materiais e pesquisas. Convém também pontuar que o referido periódico foi lançado em abril de 1978 e se manteve em circulação – dirigido ao público *gay* – até o ano de 1981.

De acordo com João Silvério Trevisan (2018), um dos idealizadores do periódico:

[...] Em finais de 1977, alguns intelectuais, jornalistas e artistas homossexuais de São Paulo e Rio de Janeiro reuniram-se no apartamento de Darcy Pentead, a propósito de uma antologia de literatura guei latino-americana, organizada por Winston Leyland, fundador da Gay Sunshine Press, em San Francisco, na Califórnia. Eu era um deles. Nesse encontro, surgiu a ideia de se formar um coletivo para a criação de um jornal feito por e com o ponto de vista de homossexuais, que discutisse os mais diversos temas e fosse vendido mensalmente nas bancas de todo o país. Aumentado de alguns novos

componentes, o grupo de cotizou e o projeto floresceu, com uma periclitante infraestrutura financeira. Em abril de 1978 aparecia então o número zero do jornal *Lampião* – fato escandaloso para as pudicas da esquerda e direita brasileiras, acostumadas ao recato, acima de tudo (Trevisan, 2018, p. 316-317).

O surgimento de “Lampião da Esquina”<sup>3</sup> representa, portanto, um marco específico na cultura e na luta pela liberdade no que diz respeito ao ativismo dos direitos da comunidade LGBTQIAP+ no país. Tem-se, nessa medida, um grupo de pessoas que, por meio de um movimento social de luta pela alteridade, firma a veiculação das artes e do amor daqueles que ousavam dizer o seu nome. É digno de nota que no próprio livro “Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade”, Trevisan (2018, 2018, p. 317) explica que “é preciso registrar que mulheres (artistas e jornalistas) contatadas, no período, negaram-se terminantemente a colocar seus nomes no jornal. Daí porque a equipe toda era constituída de homens”.

Mariusso (2015, p. 48) reflete acerca do papel deste jornal em meio a uma sociedade calcada no preconceito e na homofobia. Na visão desse autor, o jornal “[...] Constrói, por meio de suas páginas, a multiplicidade que as homossexualidades podem atingir, e não só, apresenta a diversidade da violência sobre essas variedades de desejos”. De fato, o jornal aborda também as violências, assim como o trecho literário em análise neste trabalho. Para tal finalidade, optou-se por trabalhar com a primeira edição do jornal, apesar de haver uma edição anterior a essa – a de número zero –, ambas publicadas em 1978, início da

<sup>3</sup> Trevisan (2018, p. 317) explica que “o nome registrado no jornal era, na verdade *Lampião da Esquina*, artifício utilizado apenas para contornar o fato de que alguém anteriormente já patenteara o nome ‘Lampião’. Como a empresa editorial se chamava Esquina, o sentido do nome continuava ambivalente”.

circulação do periódico.

É ainda Mariusso (2015) que ilumina algumas reflexões, quando destaca os sentidos advindos do nome do periódico “Lampião da Esquina”. Segundo o autor,

O nome estaria ligado, segundo seus criadores, LAMPIÃO: à luz que “ilumina” os becos escuros onde se encontram as “minorias”; e ESQUINA, o nome da editora que publicava o periódico; e numa forma irônica de interrogar a figura do “machão”, representada no caso pelo Lampião, cangaceiro do sertão brasileiro do início do século XX (Mariusso, 2015, p. 46).

Esse periódico se coloca, então, como algo disruptivo em meio a uma sociedade machista, patriarcal, que passava por um processo de repressão, em decorrência da Ditadura Militar. Tal regime, mesmo enfraquecido e em seus momentos finais, continuava a impor uma forte censura moral. Logo, por adotar uma posição que confrontava a Ditadura Militar, ao questionar os regimes autoritários, o que se estendia também à sexualidade, não só o jornal como também seus editores tornaram-se alvos desse regime. Acerca deste aspecto, Afonso-Rocha (2020) observa:

É nessa direção que Lampião pode ser lido como narrativa de contestação ao imaginário hegemônico sobre a ditadura cis-heteromilitar brasileira. Durante a “Abertura”, o jornal denunciava a violência do regime contra diversas subjetividades: LGBT+, negros, mulheres, camponeses, indígenas etc. E foi por conta dessas denúncias que seus editores foram perseguidos e enquadrados pelo aparato repressivo do regime militar (Afonso-Rocha, 2020, p. 69).

A equipe do jornal *Lampião* também redigia críticas aos demais veículos de comunicação e também à imprensa tradicional – a qual abordava, de forma sensacionalista e estigmatizada, as questões da homossexualidade –, como se pode notar nas palavras de Silva (2019), transcritas a seguir:

A crítica de como os veículos de comunicação retratavam a homossexualidade foi amplamente discutida nas páginas do *Lampião da Esquina*. Veículos de comunicação da intitulada grande imprensa e periódicos da imprensa alternativa tinham suas matérias analisadas, criticadas e denunciadas quando consideradas inadequadas ao auxílio da promoção dos direitos homossexuais, ou, até mesmo, quando realizavam a propagação de uma imagem padronizada e estereotipada dos gays (Silva, 2019, p. 115).

Antes de “*Lampião*”, alguns outros pequenos jornais e revistas também tiveram como público leitor os homossexuais, porém com publicações e circulação restritas. Pode-se destacar também as estruturas e seções que se faziam presentes com uma maior constância nas edições do jornal.

Mariusso (2015), que empreendeu uma análise mais ampla acerca das demais edições do jornal, destaca o seguinte:

O jornal apareceu com sete seções: Opinião, que era o equivalente ao editorial, Ensaio, Esquina, seção com artigos e notas variadas, Reportagem, Literatura, Tendência, seção cultural que se divide em Livro, Exposição Peça, etc., e Cartas na mesa, que publicavam as cartas enviadas pelos leitores do jornal. A partir do número cinco, surge uma seção chamada Bixórdia, e posteriormente, a Troca-troca, que se tratava da troca de cartas entre os leitores a fim de se conhecerem. Outras seções apareciam esporadicamente como: Ativismo, Festim, Violência e Verão (Mariusso, 2015, p. 47).

As sessões intituladas “Cartas à Mesa” e “Troca-troca”, presentes nas edições do jornal, remetem a uma interação com os leitores por meio de correspondências. Especificamente em relação à sessão “Troca-troca”, esta foi objeto de análise da pesquisa realizada por Ferreira e Miskolci (2020). O trabalho desses autores aborda a busca por relações e parceiros sexuais tanto durante a epidemia do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), utilizando-se de recortes do jornal “Lampião da Esquina”, quanto no período pós-epidemia, entre os anos 2015 e 2016, por meio de um aplicativo de relacionamento. Os autores se detêm na discussão acerca do modo como os impactos oriundos dos estigmas do HIV ainda definem as formas como são escolhidos e constituídos os perfis desejáveis para relações, focalizando a população homossexual paulista.

O recorte literário, presente em “Lampião” e objeto de análise do estudo de Ferreira e Miskolci (2020), traz à tona questões acerca de como se davam também as interações e buscas por parceiros sexuais, em parques ou em outros locais já demarcados como pontos de encontro para relações homossexuais. Porém, neste caso, por se tratar de locais públicos, seus frequentadores corriam o risco de serem atacados ou perseguidos por policiais, haja vista que era um momento histórico em que a sociedade brasileira vivia sob os ditames da Ditadura Militar. No tocante a esse aspecto, os autores pontuam que:

Os banheiros públicos, cinemas, praças, parques, estacionamentos e ruas comerciais, especialmente no período noturno, se tornaram espaços destinados ao flerte e à paquera, os chamados territórios de “pegação”, isto é, lugares afeitos à busca por parceiros anônimos para sexo sem compromisso (Ferreira; Miskolci, 2020, p. 1002).

Após certo tempo, próximos a esses locais começaram a surgir bares e clubes, os quais passaram a figurar para a comunidade *gay* como alternativas mais seguras para realizar seus encontros, contudo, nem sempre frequentado por todos. No que concerne ao surgimento desses locais alternativos, Green (2002) salienta o seguinte:

Um aspecto importante dessa questão diz respeito à conexão entre a ocupação de áreas públicas e das supostas esferas tradicionais da vida social brasileira, ou seja, a casa e a rua. Como veremos, uma acessibilidade maior dos homens ao espaço público, a rua, facilitou os encontros eróticos homossexuais entre eles. Entretanto, a estigmatização cultural dessa atividade às vezes incentivou a criação de uma “contra-casa”, um espaço privado onde os homens podiam interagir livremente e que servia como uma alternativa à família tradicional. Quando bares identificáveis como gays começaram a surgir no fim dos anos 50 e início dos 60 no Rio de Janeiro e em São Paulo, eles passaram a funcionar como esses espaços, localizados entre o privado (a casa) e o público (a rua), protegendo seus frequentadores de uma sociedade agressiva e hostil (Green, 2002, p. 47-48).

Na própria edição sob análise, em umas das reportagens, é destacada também a troca dos espaços públicos pelos clubes: “[...] Houve uma época, terrível, em que a rua e seus perigos eram a única opção. Depois - estamos falando sobre o Rio de Janeiro - veio a época heroica das boates mais ou menos camufladas” (Discoteca, 1978, p. 5). Ferreira e Miskolc (2020), em sua pesquisa, também destacam o movimento de surgimento de bares e boates em regiões centrais próximas aos locais utilizados para a busca de parceiros.

O prefácio escrito por Renan Quinalha (2022, p. 20–21),

presente na segunda edição da obra de Green (2022), traz um abrangente recorte acerca das mudanças no cenário, ocorridas por meio de lutas e reivindicações da comunidade LGBTQIAP+:

É fato que, passadas duas décadas desde que este livro veio a público pela primeira vez, muitas coisas mudaram. Vale aqui destacar algumas das principais mudanças: implementação de políticas públicas de direitos humanos em âmbito nacional; criação de secretarias e coordenações para gerir a demanda de pessoas LGBT em diferentes níveis de governo; formação de frentes parlamentares em defesa das pessoas LGBT nas Casas Legislativas; as Paradas do Orgulho LGBT alastraram-se por cidades em todo o país e a edição realizada anualmente em São Paulo converteu-se no mais massivo ato da Nova República, com milhões de pessoas nas ruas; maior visibilidade das pessoas LGBT em revistas, peças de teatro, filmes, novelas e novas mídias, rompendo com as representações apenas negativas e estigmatizadoras que antes prevaleciam quase que exclusivamente na cena pública; crescimento expressivo de associações e proliferação de ativismos em diferentes esferas e frentes; emergência de identidades mais fragmentárias e específicas com o crescimento da sigla para LGBT e com variações para incorporar pessoas intersexo, assexuais, queer e outras; criação de redes e organizações nacionais cada vez mais representativas e abrangentes, como a ABGLT (1995) e a ANTRA (2000); institucionalização de encontros acadêmicos, publicações e grupos de pesquisa voltados exclusivamente para os estudos sobre gênero e sexualidade; reconhecimento do direito à união homoafetiva em 2011, no Supremo Tribunal Federal (STF), e do casamento civil em 2013, no Conselho Nacional de Justiça; direito de adoção por casais homossexuais consagrado em 2015 pelo STF; garantia dos direitos de identidade de gênero das pessoas trans no STF em 2018, dentre outros.



A terceira edição da obra abrange essas transformações, as quais se deram após a análise que encerrava o livro. Detendo-se nos anos de 1980, Green (2022) retrata, por exemplo, que no ano de 2017, a Riotur (empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro) retirou do seu itinerário turístico constante em seu *site* os pontos e as referências que remetiam a *gays* e lésbicas, em decorrência de influências conservadoras e moralistas.

## Literatura no “Lampião da Esquina”

A coluna literária do jornal “Lampião da Esquina” é constituída, em sua maior parte, por contos e poemas, mas também por trechos de novelas, livros e peças teatrais. O objeto de análise – tradução de um dos capítulos da obra de autoria de Antônio Roig – foi extraído da primeira edição. Tal como ressaltado por Afonso-Rocha (2020), algumas das edições desse periódico podem apresentar duas seções literárias, uma destinada à poesia e, outra, à narrativa, como é o caso da edição ora analisada neste artigo.

Essa edição do jornal dedicou-se também à sessão “Ensaio”, que buscava aprofundar um pouco mais a história de Antônio Roig Rossello, ao discorrer sobre o sucesso de seu livro intitulado “*Todos los parques non son un paraíso*”, por meio do qual o padre carmelita assumiu publicamente sua sexualidade:

A coluna literária trouxe, na mesma edição, um capítulo do livro de Antônio Roig, que havia resultado em sua suspensão: “Nem todos os parques são um paraíso”. A estória se passa em Londres, onde o autor morou durante três anos e experimentou uma série de vivências importantes em torno de sua homossexualidade. A narrativa autobiográfica

descreve a vivência homossexual do autor-personagem em um parque inglês, provavelmente na década de 1960. Embora os países integrantes do Reino Unido já fossem democráticos, nesse período, manter relações homossexuais era considerado crime na Inglaterra e no País de Gales até 1967; na Escócia, até 1980; na Irlanda do Norte, até 1982 (Afonso-Rocha; Mitidieri, 2019, p. 55).

O periódico também exercia um papel relevante ao ampliar o leque de possibilidades de leitura, fosse por meio de suas indicações literárias, fosse por sua função de tradução de matérias:

A imprensa alternativa americana era uma das fontes de informação dos jornalistas do *Lampião*, fazendo com que, às vezes, artigos fossem traduzidos e publicados no veículo. A publicação destas traduções era uma forma de oferecer novidades aos leitores brasileiros que, dificilmente, teriam acesso por meio dos veículos tradicionais ou não as leriam nas publicações originais por falta do domínio dos idiomas ou dificuldade de acesso (Silva, 2019, p. 152).

Deste modo, com essas traduções, o jornal permitia que um número maior de pessoas tivesse acesso a esses conteúdos. Como exemplo disso é possível citar a seção sobre Antônio Roig, a qual conta com a tradução de matérias extraídas de entrevistas concedidas por ele a revistas espanholas, após a repercussão de seu livro *“Todos los parques non son un paraíso”*.

Ao fim da primeira edição, na segunda seção, dedicada à literatura, é apresentado um dos capítulos do livro de Antônio Roig, sob o seguinte título: “Nem todos os parques são um paraíso”. A narrativa se desenrola em um parque, nas noites de Londres, onde a personagem autobiográfica do autor encontra-

se com um homem e inicia uma troca de carícias, culminando em agressões e na apreensão de Antônio, já que ambos haviam sido surpreendidos por um policial que os abordara por “estarem praticando atos indecentes”.

Após terem sido abordados pelo policial, o homem que estava junto à personagem Antônio foi liberado, porém, mediante a apresentação dos documentos: “– Você pode ir embora. Não esquecerei seu endereço. Terá que assumir a responsabilidade por atos indecentes” (Roig, 1978, p. 16). O policial procedeu a agressões e ainda alegou que Antônio estaria resistindo ao processo, ao que o personagem lhe responde: “– Não resisto à autoridade. Simplesmente tenho medo de você” (Roig, 1978, p. 16). De fato, aquela foi uma experiência traumática, vivenciada durante uma prisão temporária, seguida de um interrogatório e, por fim, de um julgamento em que Antônio teve de se declarar culpado para, após alguns processos, ser, enfim, liberado.

O capítulo dessa edição se encontra em conformidade com o que Silva (2019) descreve a respeito da linha editorial adotada pelo jornal:

Uma atitude adotada pelo Lampião da Esquina, e que se apresenta em praticamente todas as edições, foi a denúncia de crimes contra homossexuais. Assassínatos, atos de preconceito, batidas policiais sem motivo aparente e a falta de segurança para os gays são destaques nas páginas do periódico (Silva, 2019, p. 154).

Afonso-Rocha lança mão do conceito “literatura de jornal”, que difere do de “literatura de folhetim” pelo fato de este possuir um tamanho reduzido e, aquele, cuidadosa elaboração e seleção do material, a cada edição. Tal cuidado, na visão do autor, é um dos fatores responsáveis pela articulação entre as seções, as

demais colunas do jornal e a temática. Em suas palavras:

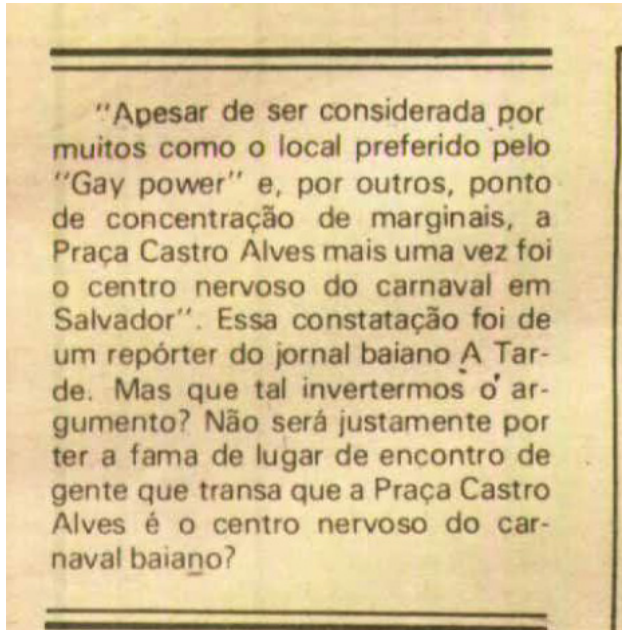
As colunas literárias de jornais não passam, normalmente, em extensão, de uma página do periódico. Dessa forma, tal confluência discursiva não se confunde com a chamada literatura de folhetim que, por ser propagada de forma serial, ocupava extensão maior nos periódicos, tendo capítulos inteiros publicados de uma só vez. Outra diferença, é o status gozado por essa literatura de folhetim, inexistente quando se trata dos pequenos textos ou fragmentos publicados em colunas de jornais.

As literaturas de jornal possuem identidade visual, material, simbólica e física diferenciada em relação à literatura publicada em livro, requerendo um enquadramento específico para análise. Observada de perto, a coluna literária reclama a articulação com as demais seções do periódico. Deve-se destacar que a seção literária aparece no meio ou no final do jornal, de modo que o leitor já tenha lido outras seções. É como se as demais colunas fossem proporcionando uma “abertura” para a leitura do texto literário. Por isso, a análise dessa literatura prescinde de elementos externos ao texto e ao que seja estritamente da “ordem do literário”, exigindo, com isso, que seja lida enquanto texto híbrido. Ou seja, as literaturas de jornal dependem de um dispositivo de análise que leve em consideração seu caráter interdiscursivo em diálogo com as demais matérias do periódico em que foram publicadas (Afonso-Rocha, 2020, p. 73).

Na Figura 1, a seguir, há um exemplo retirado da edição em análise. Como é possível observar, o trecho em destaque questiona a relação estabelecida com a praça como um lugar público que, por muitas vezes, ficou estigmatizado como um local de encontros para busca de relações sexuais, mas que, também, era um local para constituir redes de apoio.

### **Figura 1** – Reportagem sobre o Carnaval e questionamento

quanto ao espaço da praça.



Fonte: Centro de documentação Prof. Dr. Luiz Mott.

As demais reportagens da edição sob análise também abordam o desenrolar da vida noturna nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, com a incursão de alguns jornalistas nas noites a fim de descrever essas cenas noturnas, bem como o papel descrito por Gomes (2005, p. 12): “[...] como *flâneur* que perambulava pelas ruas e pelos becos sórdidos[...]”, eles, de fato, atuavam como *flâneurs*, observando os movimentos das ruas e dos clubes.

A parte abastada da sociedade, que frequentava espaços nos quais não ficava em evidência, passava por situações menos difíceis do que a experienciada por Antônio, relatada anteriormente. Aqueles pertencentes às classes mais baixas não dispunham de outras alternativas senão recorrerem a espaços

públicos, tal como destaca Green (2022):

Deve ser ressaltado que, neste estudo, como um todo, os registros históricos existentes revelaram muito mais sobre a vida de homens pobres, da classe operária e da classe média-baixa que buscaram a satisfação sexual em lugares públicos, do que incidiram sobre a vida de gays da classe alta, que podiam se dar ao luxo de viver de modo mais circunspecto. Quanto mais baixo o *status* econômico ou social de uma pessoa, mais vulnerável ela se tornava aos abusos policiais. Nos anos 20 e 30, médicos e criminologistas estavam interessados em conduzir sua pesquisa entre os homens de classe média e baixa, em razão das teorias eugenistas em voga que ligavam a pobreza à degeneração, à violência, ao perigo e à desordem. Em geral, os homens da classe alta podiam ocultar sua vida sexual sob um manto de respeitabilidade. Em vista da estrutura hierárquica das relações de classe na sociedade brasileira, os membros da elite que desejavam sexualmente outros homens estavam protegidos das inconveniências da interferência policial (Green, 2022, p. 50–51).

Ainda segundo o apontado por Green (2022), há uma intersecção entre a classe e a etnia, o que interfere também no modo como são vivenciadas as relações homossexuais. Na cidade do Rio de Janeiro, demarcou-se que o Largo do Rossio seria o local em que ocorreriam os encontros para relações de paqueras e amizades entre homossexuais:

O espaço urbano mais conhecido para tais encontros era o Largo do Rossio, uma praça nos limites do centro antigo do Rio de Janeiro. A área teve suas fachadas remodeladas na época das reformas urbanas de Pereira Passos e se manteve como um local de socialização homoerótica desde o fim do século XIX até muito recentemente (Green, 2022, p. 67).

O observado por Green (2022) no excerto supratranscrito também se dá no texto de Roig (1978), que é ambientado inicialmente na cidade de Londres, onde também havia a demarcação de um espaço para tais encontros, consolidado com a

mesma fama do Largo do Rossio, tal como explicita a passagem a seguir: “– A polícia nos procurou. Disse que o surpreenderam cometendo atos indecentes no Hyde Park. Nesse parque só vão os veados de Londres” (Roig, 1978, p. 16).

Uma outra obra que também recorre à imagética desses locais públicos como um lugar para encontros é o conto “O menino do Gouveia”, de autoria de Capadócio Maluco (2021):

Durante o dia todo vaguei pela cidade na doce esperança de encontrar um fanchono em quem as minhas formas roliças e afeminadas despertassem o apetite e provocassem uma cantata.

Foi, porém, trabalho perdido: por mais que eu andasse pelos mictórios a espiar picas e fizesse mil gestos reveladores das minhas qualidades e encantos enrabativos, parece que naquele dia os amadores de cus tinham desaparecido. Às seis horas da tarde sentei-me, levado dos diabos, num dos bancos do Rocio, pensando na falta de enrabadores que há nesta cidade (Maluco, 2021, p. 18–19).

O trecho acima retrata a busca de “Bembem” – após receber uma negativa de seu tio e sair de casa – por alguém para saciar seus desejos. Para tal ensejo, procura encontros em locais como banheiros públicos, indo, por fim, parar em uma praça. Acerca dessas proibições e tabus, pode-se destacar que após os anos de 1830 foram revogadas as leis – vigentes desde a Coroa Portuguesa – que se referiam à sodomia. Porém, como destaca Green (2022):

Entretanto, o Artigo 280 do Código brasileiro punia atos públicos de indecência com dez a quarenta dias de prisão e uma multa correspondente à metade do tempo de reclusão. Essa provisão deu margem para que a polícia pudesse determinar o que constituía

um ato de indecência. Deu-lhe também o poder de extorquir dinheiro daqueles ameaçados de detenção ou reclusão (Green, 2022, p. 70–71).

Deste modo, mesmo com a revogação de algumas leis arcaicas e totalmente abusivas, ainda se mantinham muitas outras formas de discriminação, como, por exemplo, aquelas que permitiam vetar e punir quem vivia relações homoeróticas em locais públicos. Verifica-se também que, em 1890, foi aprovada uma série de leis que mantiveram a discriminação em relação à sodomia, tendo se apoiado no mesmo artigo descrito anteriormente. Green (2022) complementa:

Adultos que praticassem atividades sexuais com outros adultos, em lugares públicos, podiam ser acusados com base no Artigo 282, “Atentado Público ao Pudor”. O crime era descrito como “Offender os bons costumes, com exhibições impudicas, actos ou gestos obscenos, attentatorios do pudor, praticados em lugar público ou frequentado pelo público, e que, sem offensa á honestidade individual de pessoa, ultrajam e escandalizam a sociedade”. Para esse delito, a sentença prevista era a prisão de um a seis meses. Essa provisão, um item importado e revisto do Código Penal imperial de 1830, fornecia a base legal para controlar qualquer manifestação pública de comportamento homoerótico ou homossexual. Com uma redação abrangente, a polícia ou um juiz tinha ampla liberdade para definir e punir, como ato impróprio ou indecente, comportamentos que não se adequassem às construções heterocêntricas (Green, 2022, p. 71, grifos do autor).

Quando Antônio se encontra encarcerado, ele entra em um estado de angústia por estar passando por toda aquela situação: “Ao me encostar na tábua, uma imensa solidão se apoderou de mim. Quem me havia levado àquele local? Me reconheceriam



os meus se me vissem naquela situação? Toda a vida eu havia estado definitivamente só” (Roig, 1978, p.16).

Essa solidão apontada por Antônio vai ao encontro do que destacam Afonso-Rocha e Mitidieri (2019, p. 57): “[...] O estado de dúvida, de vergonha, a fragilidade emocional, o estigma, tudo serve para fortificar o lugar social construído para sujeitos que ousam amar e, mais ainda, para os que ousam apenas gozar fora dos padrões produzidos”. De fato, o narrador é vítima de agressões físicas, morais e de punições arbitrárias apenas por vivenciar seus desejos.

A pesquisa de Afonso-Rocha e Mitidieri (2019) percorreu as diversas edições do jornal “Lampião” e demonstrou, por meio da literatura apresentada, que é possível traçar um amplo quadro em que se apresentem tanto as relações e vivências dos dissidentes de gênero e sexualidade, quanto as represálias e os abusos sofridos. Ademais, os autores ressaltaram também que não se limitaram somente a esses temas, haja vista que as edições do jornal também abordaram o desejo e o prazer, como se pode verificar no excerto a seguir:

Lampião re(a)presentou os desejos, práticas, prazeres, sofrimentos, dores, castrações, limitações, emoções de gueis, lésbicas e travestis, para além da mera representação da vitimização, assumindo, com isso, um destacado papel no ativismo homossexual. A literatura lampiônica não representa vítimas de uma sociedade lesbo-trans-homofóbica, mas re(a)presenta a resistência homoerótica ao regime cis-hétero-militar, não se restringindo, assim, aos padrões de uma cultura cis-heterossexual burgo-militar, circunscrita aos valores monolíticos judaico-cristãos. O jornal constituiu-se como uma experiência singular de oposição ao sistema ditatorial brasileiro, em específico, à moral e aos bons costumes, afervorados pelos defensores do regime de exceção (Afonso-Rocha; Mitidieri, 2019, p. 65).

É preciso, de fato, evidenciar as formas de perseguição que ainda se perpetuam e, neste sentido, desmascará-las, além de expressar as formas de resistência a esse processo. Tal como os próprios autores sinalizam, o jornal se colocava como uma *experiência singular* frente ao império de preconceito e desonestidade existente contra toda e qualquer pessoa que se recusava à domesticação dos corpos e dos sentidos, o que era intensificado por um regime cruel de observância às atitudes de um outro à espreita.

Por essa razão, reafirma-se aqui a potência com a qual o jornal “Lampião” incidia sobre a sociedade à época, corroborando uma prática de resistência que se consagra até os dias atuais como uma fissura em uma estrada cada vez mais percorrida e cartografada na luta pelos direitos humanos.

## **Considerações finais**

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar a relação entre a imprensa periódica e a literatura. Para tal, foi realizada uma breve análise da primeira edição do jornal “Lampião da Esquina”, abordando a seção literária a partir de um respaldo baseado em outros trabalhos que também percorreram caminhos semelhantes.

A edição que foi foco da pesquisa apresentava duas sessões literárias, uma delas com poesias e outra com a prosa; na segunda é que consta o texto de Roig (1978), cuja temática também permeia as demais colunas e sessões ao abordar a violência policial contra demonstrações públicas de afeto. Além disso, possui uma reportagem que apresenta a trajetória do referido autor, no intuito de fornecer ao leitor do periódico

informações que incrementem a leitura do texto.

O texto de Roig (1978) analisado neste artigo explicita as violências às quais estavam diariamente sujeitas as pessoas homossexuais; muitas das quais continuam a ocorrer. O “Lampião” também exerceu um papel relevante por denunciar perseguições, abusos e estereótipos em circulação contra os homossexuais, e, neste sentido, posicionar-se contra essas injustiças sociais.

Logo, pode-se concluir que o “Lampião da Esquina”, efetivamente, possui uma vinculação intrínseca com a literatura, como parte de seu projeto editorial, já que na edição em análise as demais reportagens e seções dialogam com a literária. Assim, mesmo inserido em um contexto de repressão e censura, o periódico analisado encontrou na literatura um espaço tanto para a expressão de vozes marginalizadas quanto para a construção de uma narrativa contra os padrões moralistas impostos.

## Referências

AFONSO-ROCHA, R. Um lampião ilumina as esquinas da literatura. *Itinerários*, Araraquara, n. 50, p. 57–82, 2020.

AFONSO-ROCHA, R.; MITIDIERI, A. L. Bichas inauguram a utopia: resistência homoerótica na literatura lampiônica. *Raído*, Dourados, v. 13, n. 32, p. 47–72, 2019. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/9498>. Acesso em: 5 jul. 2024.

DISCOTECA, sauna, clube: um admirável mundo novo? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, maio 1978, Reportagem, p. 5.

FERREIRA, J. P.; MISKOLCI, R. O desejo homossexual após a AIDS: uma análise sobre os critérios acionados por homens na busca por parceiros do mesmo sexo. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 999–1010, 2020. Disponível em: [www.scielo.br/j/csc/a/WTwvqcBMnFFVfg8StcszYkK](http://www.scielo.br/j/csc/a/WTwvqcBMnFFVfg8StcszYkK). Acesso em: 2 jul. 2024.

GOMES, R. C. *João Do Rio*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2005.

GREEN, J. N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no*

Brasil do século XX. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

MALUCO, C. *O menino do Gouveia*. Sete Lagoas: CDP, 2021.

MARIUSSO, V. H. da S. G. “Prendam, matam e comam os travestis”: a imprensa brasileira e seu papel na exclusão da população LGBT (1978-1981). *Albuquerque*: Revista de história, Aquidauana, v. 7, n. 13, p. 44–61, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/2961>. Acesso em: 2 jul. 2024.

QUINALHA, R. Prefácio à 2ª edição. In: GREEN, J. N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2022. p. 13–21.

ROIG, A. Nem todos os parques são um paraíso. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, maio 1978, Literária, p. 16.

SILVA, C. H. F. Libertação *gay* no Brasil: discursos e enfrentamentos do jornal *Lampião da Esquina* durante a abertura política (1978-1981). *Intercom*: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 147–165, 2019. Disponível em: [www.scielo.br/j/intercom/a/m5dGgdRDhVcybHL6gc83wsw](http://www.scielo.br/j/intercom/a/m5dGgdRDhVcybHL6gc83wsw). Acesso em: 2 jul. 2024.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.